

PROGRAMA CERTIFICA MINAS CAFÉ COMO FERRAMENTA ESTRATÉGICA NA PRODUÇÃO DE CAFÉ DE MINAS GERAIS

TA Silveira¹; RJ de Melo²; EC Dias³; PMC Oliveira⁴

¹ Graduado em Administração na Fumesc - Fundação Machadense de Ensino Superior e Comunicação, tertulianosilveira@hotmail.com ² Professor do Instituto Machadense de Ensino Superior, renatofrankelin@yahoo.com.br ³ Doutor em Ciência dos Alimentos pela UFLA, Pós-doutorando da Faculdade de Engenharia Química da Unicamp e Professor do Instituto Machadense de Ensino Superior, ecdias5@gmail.com ⁴ Professora da Faculdade de Administração do Instituto Machadense de Ensino Superior, pricarli@hotmail.com

O consumo e a produção de café passaram nos últimos anos por mudanças no contexto econômico, social e ambiental. O Brasil perdeu espaço no mercado internacional de café devido à falta de posicionamento no mercado e nas políticas equivocadas de comercialização. Como uma forma de diversificação na venda desta *commodity*, diversos produtores têm utilizado programas de certificação. Entre os programas existentes, um grupo da Cooperativa Mista Agropecuária de Paraguaçu adotou o Programa Certifica Minas Café. Através de um estudo de caso, um grupo de cafeicultores foi comparado a um grupo não certificado, com a finalidade de determinar se o referido programa trouxe benefícios aos produtores que adotaram a certificação. Constatou-se a vulnerabilidade do grupo não certificado em relação aos cafeicultores certificados. Foi verificado que a maioria dos cafeicultores ainda desconhece o Programa Certifica Minas Café e os benefícios que ele oferece.

A comercialização de café tem passado nos últimos anos por mudanças estruturais, em razão de períodos alternados de crise e em função dos valores praticados no mercado internacional. Em termos de concorrência, o café brasileiro perdeu nas últimas décadas, espaço no mercado global para outros países da América Central e da Ásia. Em contrapartida a liderança em custos é detida pelo café robusta produzido principalmente no Vietnã, Costa do Marfim, Indonésia e Índia. Com a finalidade de recuperar o mercado de exportação dos grãos, o Brasil adotou como estratégia a produção de cafés diferenciados. Devido às políticas adotadas pelo Brasil na década de 1950, onde se visava manter artificialmente o preço do café, o país ficou conhecido como um fornecedor irregular, já que manipulava a exportação de sua produção, e como fornecedor de quantidade e não de qualidade. Isso permitiu através da estratégia de marketing que outros países consolidassem o mercado. Além disso, o Brasil não foi capaz de defender sua posição no mercado criando assim uma armadilha estratégica: o café brasileiro não possuía nenhum posicionamento comercial, razão pela qual os grãos provenientes do Brasil recebem preços inferiores aos demais cafés arábica produzidos no mundo (Caldeira, 2006). Em razão destes fatos, uma grande parte dos produtores observou o declínio da atividade cafeeira. No estado de Minas Gerais, o governo estadual criou o Programa Certifica Minas Café, com o intuito de promover melhoria no processo de produção e gestão. Em meio às demais certificações, este programa é adotado por alguns produtores rurais associados à Cooperativa Mista Agropecuária de Paraguaçu (COOMAP). Este trabalho tem como objetivo identificar os resultados da adoção do Programa Certifica Minas Café entre os produtores certificados tendo como parâmetro de análise um grupo de cafeicultores não certificados. Foram levantadas algumas recomendações com o propósito de possibilitar mudanças que beneficiem os produtores interessados (Stakeholders) com a finalidade de desenvolver algumas atividades operacionais ligadas ao Programa Certifica Minas Café.

O universo pesquisado constituiu-se em dois grupos de cafeicultores. O primeiro grupo foi de cafeicultores associados à COMAP, participantes do Programa Certifica Minas Café. O segundo grupo, também de cafeicultores associados à COOMAP, porém não participantes do programa. O tipo de amostragem para o primeiro grupo foi censitária, já para o segundo grupo, o de cafeicultores não certificados, o tipo de amostragem adotado foi amostragem aleatória simples. O tamanho da amostra de 81 cafeicultores foi determinado com base numa população de quatrocentos cafeicultores, com erro amostral de 10%, com um split 50/50. O tratamento estatístico dos dados foi realizado por meio da verificação de médias e comparação de frequências por meio de porcentagens. Os dados classificados como primários, foram dispostos em números percentuais, tabelas e agrupados novamente de modo a representar as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças da atividade cafeeira no município, formando uma matriz SWOT, com a finalidade de aumentar a abrangência das análises. Nesta análise, os percentuais referentes às respostas foram somados, permitindo aferir numericamente a diferença entre os dois grupos de cafeicultores (Martins, 2006).

Resultados e conclusões

¶ Foi possível verificar uma diferença entre os dois grupos de produtores, conforme apresentado na Tabela 1. O grupo de cafeicultores que possuem a mesma faixa etária, acima de 41 anos, mostrou que os cafeicultores certificados possuem maior escolaridade, maior tempo na atividade cafeeira, apresentam as lavouras mecanizadas e também mais produtivas.

Tabela 1: Resumo das principais características dos produtores

Aspecto predominante	Certificados (%)	Não certificados (%)
Escolaridade até o 5º ano do ensino fundamental I.	40	52,1
Idade acima de 41 anos	73,3	71,8
Formação técnica, graduação ou pós-graduação.	20	12,7
Cafeicultor há mais de vinte anos	80	62
Mecanização da lavoura	80	50,7
Produtividade média por hectare	28,5 sacas	27,6 sacas

Os produtores não certificados foram entrevistados com a finalidade de verificar a percepção sobre a cafeicultura, quando analisada do ponto de vista financeiro social e ambiental. O ponto de vista econômico refere-se à capacidade da atividade gerar renda para os produtores, não levando em conta somente o momento atual, mas desde o início de sua atividade. O aspecto social está relacionado à capacidade de gerar empregos no campo e a qualidade de

vida do homem da zona rural. O último ponto, o ambiental, faz referência à preservação do meio ambiente e do relacionamento com os recursos naturais à disposição do cafeicultor em sua propriedade.

Tabela 2: Percepção dos cafeicultores não certificados com base em critérios desfavoráveis à atividade cafeeira

Critério	Financeiro (%)	Ambiental (%)	Social (%)
Lavoura até 8 hectares	28,2	25,4	29,6
Escolaridade até a 4ª série	14,1	15,5	19,7
Há mais de 20 anos na atividade	21,1	18,3	25,4
Acima de 51 anos	15,5	7,0	16,9

Com base na Tabela 2 foi observado que os produtores não certificados apresentaram menor escolaridade, estando há mais de vinte anos na atividade e apresentam idade acima de 51 anos, sendo proprietários de lavouras de menor porte, colocando a cafeicultura como inviável quando analisada sobre o aspecto financeiro, ambiental e social. Dentre os produtores entrevistados, 5,6% indicaram que a cafeicultura não gera renda, empregos e ainda degrada o meio ambiente. Em contrapartida, 38% dos cafeicultores entrevistados possuem uma visão oposta, afirmando que a cafeicultura em sua propriedade atende plenamente aos aspectos considerados. Neste ponto fica evidente a importância de proporcionar uma ferramenta de gestão e apoio aos cafeicultores do município. Através de orientação técnica adequada e especializada, o Programa Certifica Minas Café proporcionou aos cafeicultores certificados uma melhor gestão da propriedade, o uso mais eficiente dos recursos disponíveis, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico e ambiental nas propriedades de café. O principal objetivo do programa está sendo realizado, em que pretende-se capacitar o produtor para conseguir adaptar-se aos padrões atuais de produção e comercialização do café exigidos pelo mercado. Foi elaborado um plano de ação com diretrizes estabelecidas com base no diagnóstico realizado, com finalidade de desenvolver a sustentabilidade da atividade e a manutenção do produtor na cafeicultura.